

JOÃO CABRAL DE MELO NETO E RAFAEL SANTOS TORROELLA: AMOSTRAS DE UM FECUNDO DIÁLOGO EPISTOLAR COM ESPANHÓIS

MARGARETH SANTOS *

MAYRA MOREYRA CARVALHO **

SOLANGE FIUZA ***

RESUMO

Este artigo se insere no projeto “João Cabral de Melo Neto e espanhóis: correspondência”, que propõe realizar uma edição fidedigna e anotada do diálogo epistolar de Cabral com distintos espanhóis, o qual abrange o final dos anos 1940, os anos 1950 e 1960. Neste texto, nos concentramos numa amostra parcial de como as cartas trocadas com o poeta e crítico catalão Rafael Santos Torroella podem ser consideradas um elemento-chave para pensar parte da poesia catalã contemporânea de então, bem como a divulgação e recepção da poesia brasileira na Espanha do pós-guerra, com a *Antología de la Poesía Brasileña* (1952).

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Rafael Santos Torroella; Correspondência; Arte e Literatura Catalã; Literatura Brasileira.

As correspondências entre escritores e outros artistas de países diversos podem constituir uma fonte importante para o exame do modo como se processam confluências, influências estéticas, éticas e políticas, as quais muitas vezes não se esgotam num momento específico, mas são fundamentais para entender desdobramentos futuros na obra e na vida desses artistas. Ademais, além de serem reveladoras de uma rede

* Professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. E-mail: marsanto@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9792-0353>.

** Professora nível IV da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Passos, Brasil. E-mail: mayramoreyra@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1580-3346>.

*** Professora da Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiás, Brasil. E-mail: solange_fiuza_yokozawa@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2458-8676>.

de sociabilidade em nível internacional, iluminam, em chave metonímica, contextos históricos específicos e de que maneira, por meio da interação entre artistas, antigos vínculos entre centro e periferia podem ser ressignificados no campo cultural.

No cerne dessas ponderações, encontra-se este artigo, que se vincula ao Projeto “João Cabral de Melo Neto e espanhóis: correspondência”¹, integrado pelas professoras Margareth Santos (USP), Mayra Moreyra de Carvalho (UEMG), Solange Fiuza (UFG) e Valéria Gil Condé (USP), e que contempla um conjunto de missivas que abarca o final dos anos 1940, os anos 1950 e 1960, em que o poeta brasileiro atuou, respectivamente, como: vice-cônsul na Espanha (1947-1950); segundo secretário da embaixada em Londres (1950- 1952), quando teve sua atuação interrompida para responder à acusação de subversão (1952-1954); cônsul adjunto em Barcelona, com a missão de realizar pesquisas históricas no Arquivo das Índias, em Sevilha (1956-1958); e em funções diplomáticas diversas em várias cidades, entre as quais Marselha, Madrid, Sevilha novamente, Genebra e Berna.

Dentro desse núcleo epistolar, é possível destacar os seguintes correspondentes: Rafael Santos Torroella (crítico, poeta e editor das revistas *Cobalto* e *Cobalto 49*); Enric Tormo (tipógrafo e amigo de João Cabral, que o auxiliou na compra de sua Minerva e o orientou na arte tipográfica); Pepe Martín Cortés (agitador cultural em Sevilha e aficionado aos touros e ao flamenco); Julio Aparicio Jiménez (toureiro); Joaquim Arbide (diretor do Teatro Universitário de Sevilla); Joan Brossa (poeta e integrante do grupo vanguardista *Dau Al Set*); Modest Cuixart, Antoni Tàpies e Joan Ponç (pintores e integrantes do grupo vanguardista *Dau Al Set*).

A lista de destinatários, por si só, já indica um leque de relações, debates e preocupações que podem apontar para o trânsito notável do escritor pernambucano em solo peninsular, de modo a evidenciar sua importância para o panorama das produções artísticas e literárias na península. Num primeiro momento, contudo, este texto pretende fazer um recorte preliminar dessa correspondência, privilegiando o diálogo com o poeta e crítico catalão Rafael Santos Torroella (1914-2002), compreendendo,

1 A proposta de edição da correspondência Cabral-espanhóis, por sua vez, vincula-se ao projeto internacional e interinstitucional *Geografias Culturais Ibero-Americanas*, financiado pelo CNPq, por meio da chamada Universal 2021, e integrado por diversos outros pesquisadores do Brasil, Portugal, Espanha, Itália e EUA.

sobretudo, o primeiro período espanhol de Cabral e sua etapa londrina, na qual, embora estivesse fora da Espanha, continuou nutrindo forte interesse pelos debates e publicações dentro e fora da vida literária na Península Ibérica.

De modo geral, podemos situar esse diálogo em três grandes universos: a literatura e o cotidiano espanhol; questões que giram em torno dos debates entre a literatura espanhola e a catalã, a fim de pensar uma defesa de distintos modos de discutir e conceber língua, cultura, política, arte e sociedade dentro e fora do solo peninsular; e os trânsitos da literatura brasileira em solo espanhol, por meio das traduções de poesia brasileira por Santos Torroella.

Em meio a esses aspectos, nos centraremos em dois episódios da correspondência cabralina, como uma amostra desse universo de debates e circuitos profícuos: a troca epistolar que se desenrola entre 1949 e 1951, que diz respeito à preparação da *Antología de la Poesía Brasileña*, publicada em 1952, em Madri, pela Cultura Hispánica, cujo segundo volume foi traduzido por Santos Torroella e compreende 28 poetas modernos brasileiros, e o debate em torno à publicação *Em va fer Brossa*, de Joan Brossa, por Santos Torroella (1950-1951).

Para que comecemos a situar esse conjunto de correspondentes e seu entorno é preciso, antes, pensar a posição de João Cabral na Espanha naqueles idos e sua relação com o grupo *Dau Al Set* e com Rafael Santos Torroella, posto que dessas amizades irradiam questões fundamentais para nossa discussão, valendo a pena contextualizar alguns dados.

O POETA LANÇANDO OS DADOS

Entre 1946 e 1949, João Cabral de Melo Neto se encontrava em Barcelona como vice-cônsul do Brasil. Imerso no universo catalão, o autor pernambucano teve uma circulação intensa entre grupos de vanguarda, tanto nas publicações da época, como nos debates sobre arte e literatura, uma vez que organizou tertúlias com artistas e escritores catalães, traduções e publicações do grupo *Dau Al Set* e sobre o pintor Joan Miró.

Em 1949, graças à amizade com Rafael Santos Torroella, o poeta brasileiro escreveu a apresentação do catálogo *Ponç, Cuixart y Tàpies*, organizado pelo próprio Santos Torroella, e compôs o prólogo para a obra *Em va fer Joan Brossa*, de Joan Brossa,

publicada pela revista *Cobalto* 49. Esse trânsito está registrado na correspondência entre João Cabral, Santos Torroella e o tipógrafo Enric Tormo.

Em meio a esses fluxos estéticos é preciso reconstruir a atuação de João Cabral entre os anos 1949 e 1952: desde 1949 o poeta brasileiro acompanhava ativamente o grupo *Dau Al Set*, do qual faziam parte os pintores Joan Ponç, Modest Cuixart, Antoni Tàpies, Joan-Josep Tharrats e o filósofo Arnau Puig, e, pouco a pouco, converteu-se em uma figura importante para o grupo ao propor tertúlias sobre o papel da arte como veículo de transformação social, sem resvalar no panfletário ou abdicar da questão estética.

Na esfera desses debates, a discussão em torno do marxismo teve certo relevo. Segundo Arnau Puig, um dos integrantes do grupo:

Quando nos conhecemos, ele se interessou muito por dois motivos, por duas posturas. Uma porque, através de nossos contatos, ele conheceu Joan Miró [1893-1983]. Entrou logo em contato com Miró através de Joan Prats [1922-2008] e acabou escrevendo aquele magnífico livro sobre Miró, editado na época aqui em Barcelona [Joan Miró. Barcelona: Edicions de l'Oc, 1950].

O outro motivo foi por sermos, como diziam, jovens inquietos e revolucionários. Ele viu em nós alguma possibilidade de implantar e desenvolver, à sua maneira, à maneira de Cabral, o marxismo na Espanha. Esta é a realidade (Puig, 2017, s/p).

Apesar de discordarmos de Puig em sua visão sobre a “implantação” do marxismo na Espanha, é certo que o caráter inquieto e contestador dos jovens do *Dau Al Set* chamou a atenção do também jovem escritor brasileiro, que via neles, acreditamos, uma possibilidade de pensar a cultura, a literatura e a política com maior liberdade de criação. Talvez, como o próprio Puig declararia: “para Ponç, Tàpies, Cuixart o Brossa todo era subjetivo, todo era marginal, todo ocorria em outra parte” (Humanes Bespín, 2012). Portanto, os processos de criação passavam, necessariamente, à margem de uma reivindicação nacionalista (catalã), expandia-se em seus tentáculos, para reclamar o “coupe de dés” mallarmeano como signo de liberdade em suas atitudes.

Em carta ao poeta Manuel Bandeira, de julho de 1948, João Cabral comenta como conheceu os artistas do *Dau al Set*:

Entrei em contato, aqui, com um grupo de jovens escritores catalães que publicam duas revistas. Clandestinas, esclareço, porque o catalão, desde 1939, é perseguido aqui. A princípio não podiam nem falar; a partir do desembarque dos americanos na África, passaram a tolerar a língua oral; a partir de 1945, fim da guerra, passaram a permitir os livros em catalão, e em pequenas tiragens fora do comércio; e, finalmente, de um ano para cá, permitem os livros – com restrições – mas não as revistas e os jornais. Como eu ia dizendo, acima, conheço esses jovens catalães, ávidos de intercâmbio e de que se conheça, fora da península, sua “cultura ameaçada” (Süssekind, 2001, p. 89).

Em seu breve relato a Bandeira, João Cabral situa histórica e socialmente o cenário espanhol em seus aspectos políticos e culturais, tendo a língua catalã como elemento norteador. Tal elemento expõe uma das grandes inquietudes do poeta: seu interesse pela produção artística e literária catalã e um genuíno desejo de difundir e debater essa cultura cerceada e ameaçada nos anos franquistas.

É nessa conjuntura que João Cabral conhece Miró, o grupo *Dau al Set*, Rafael Santos Torroella e o tipógrafo Enric Tormo. Dessas relações de amizade surgirão colaborações e uma intensa troca intelectual e artística, estabelecida, em muitos momentos, pelo trabalho com sua prensa artesanal, O Livro inconsútil, cuja coleção contou com a publicação de obras de poetas brasileiros, de autores e artistas espanhóis e catalães. Nela, Cabral também imprimiu livros seus, como o *Psicologia da composição* (1947) e *O Cão sem plumas* (1950). Portanto, a partir desse conjunto de convívios e ações, devemos pensar o período barcelonês do escritor também como um processo de criação e depuração próprios.

Entre suas colaborações com o grupo de Barcelona estavam os empréstimos de livros de escritores espanhóis exilados e de obras de teoria marxista, de difícil circulação na ditadura franquista, além, claro, de editar obras dos artistas do *Dau al Set* e realizar traduções a partir do catalão, que logo seriam publicadas na revista homônima.

Para além dessas publicações, gostaríamos de nos deter, brevemente, em duas colaborações entre Cabral e o grupo vanguardista que nos dão uma dimensão de seus diálogos em solo espanhol: o catálogo *Ponç, Tàpies, Cuixart* e o poemário *Em va fer Joan Brossa*, já que ambas as obras estabelecem relações diretas com algumas questões suscitadas na correspondência cabralina.

Nessa apresentação, o brasileiro se vale de alguns aspectos de seu ensaio sobre *Joan Miró*, quais sejam, a noção de liberdade criativa, uma crítica ao estatismo e às leis da pintura renascentista (e posteriores) como elementos cerceadores da criação independente e individual. Portanto, recorre a ideias como processo, rigor, intelectualismo e instinto para destacar as peculiaridades e diferenças entre os jovens artistas, ou seja, pontos que foram amplamente explorados no ensaio sobre Miró:

Lo que caracteriza a estos tres pintores, de mitología y lenguaje tan diversos, es, por tanto, el hecho de coincidir en tipos de composición igualmente independientes de la composición estática tradicional. Mas esa caracterización se ofrece por el lado negativo, porque el estado de espíritu con que abordan esa libertad es absolutamente distinto en los tres. Tàpies la posee sin buscar sus razones e implicaciones; y usa de ella sin darse cuenta. Cuixart parece tener conciencia clara de ella, e incluso hallarse interesado en defenderla. Ponç, por último, menos instintivo que Tàpies y menos intelectual que Cuixart, mantiénese en una actitud intermedia y no la ignora, pero tampoco la toma como punto de partida (Melo Neto, 2009, p. 103).

Outra matéria da qual lança mão João Cabral para falar sobre os pintores catalães, e que ecoa um “sistema” de interpretação, se refere a elementos constitutivos e compositivos da pintura, como a moldura e a noção de estatismo e, conseqüentemente, de dinamismo, também vista em detalhe no ensaio cabralino sobre o fazer mironiano:

Y del mismo modo que son diferentes los estados de espíritu con que emplean esa libertad, son diversos, en el terreno estricto de la composición, los resultados a que llegan los tres. Es diferente, por ejemplo, el comportamiento de cada uno de los tres en relación con el marco, o mejor, con el límite de la superficie del cuadro. (Todos sabemos la importancia del límite del cuadro en la composición tradicional; y que a partir de él es cuando se establece, de fuera para dentro el trabajo de equilibrar y fijar el conjunto (Melo Neto, 2009, p. 103).

Assim, nessa apresentação, as reflexões de João Cabral deslizam pelos conceitos de tradição, movimento, espacialidade, ritmo e sintaxe para repousar em dois grandes vetores de sua análise: a liberdade de criação e seu árduo processo de trabalho. Dessa forma, confluem, em paralelo, a leitura da arte pictórica e da poética a partir de preocupações muito bem delineadas.

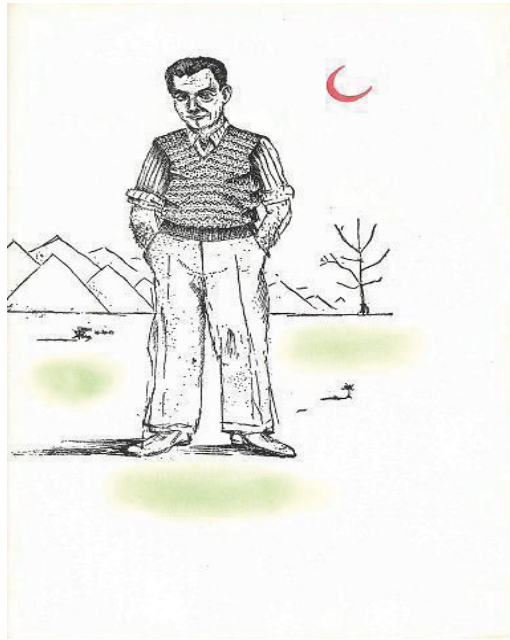
Mas, além desse texto, que coloca no mapa as relações entre Cabral e o grupo *Dau al Set*, o prólogo que o pernambucano escreveu para a obra *Em va fer Joan Brossa* (“Fez-me Joan Brossa”), de Joan Brossa, retoma algumas reflexões da apresentação do catálogo escrito anteriormente por Cabral, bem como ressoa em seu movimento epistolar com Santos Torroella e Brossa, tingido de política e estética, como veremos.

O motivo pelo qual escolhemos nos dedicar a esse prólogo e à correspondência que gira em torno dele se deve ao fato de que aqui (como em outras trocas epistolares) João Cabral estabelece uma discussão estética vinculada a uma postura ética, sem perder de vista o contexto histórico, social e político pelo qual ele circulou, incidiu, pensou e debateu.

Nesse prólogo, João Cabral examina a poesia brossiana pela chave da ruptura e do fragmentário. Para o brasileiro, a palavra, nesse conjunto, altamente imagética e nômade, se move como um *flâneur* por ruas conhecidas, marginais ou centrais na metrópole barcelonesa, em uma fruição do espaço em que se destaca sua descontinuidade espacial, estética e social. Ainda segundo Cabral, no volume de *Em va fer Brossa*, o verbo emerge como materialidade e, como tal, será explorado no âmbito do espaço urbano, prosaico e fugaz.

Além de chamar a atenção para as ponderações de João Cabral, vale a pena pensar em como sua constituição imagética e textual remete às relações e trânsitos cabralinos pela Espanha: a obra em questão se abre com um retrato do autor elaborado por Joan Ponç e a ele se segue o referido prólogo de João Cabral. Tal destaque não é casual, posto que Ponç e Brossa estabeleceram uma profunda relação estética e anímica com o poeta pernambucano.

Figura 1: *Retrato de Joan Brossa* por Joan Ponç



Fonte: Arquivo MACBA, Barcelona. Guache, tinta e pastel sobre papel.
Incluído no livro *Em va fer Joan Brossa*. Barcelona: Cobalto 49, 1951.

No âmbito dessas conexões estéticas, saltam à vista seus contornos políticos, uma vez que é nesse volume que se inaugura a preocupação do poeta catalão com o aspecto social da arte e tal inquietação provinha, em grande parte, dos debates incitados pelo escritor brasileiro com o núcleo do *Dau al Set*, conforme se pode acompanhar em depoimentos de membros do grupo, entre os quais os concedidos por Brossa e Tàpies ao *Caderno de literatura brasileira* do Instituto Moreira Salles (1996).

No contexto dessas discussões também estavam as colaborações e homenagens entre Ponç e Brossa: ao escrever uma ode em louvor à amizade com Ponç – “Oda lliure a Joan Ponç” –, Brossa oferece o poema ao poeta pernambucano, o que é um indicador de que o conteúdo dos versos também passava por vínculos de amizade e debate entre os três. Na ode, Joan Ponç aparece imortalizado no campo cívico, como nome de rua, e no âmbito estético, ou seja, unindo arte e cotidiano, nas evocações que o poema faz, o mundo ponciano surge repleto de imagens surrealistas:

Havingut que poc després, a la plaça Joan Ponç,
al portal número 13, s'ha esborrat el camí ombrer.
Fundes cims entre els rocs amb les juntes dels dits.
La veritat i la mentida arriben al fons de les coses.
Perseguir els poderosos afavoreix els pobles
(Brossa, 2010, p. 60).

Em meio a essas intersecções, as tertúlias e os ensinamentos do escritor brasileiro aparecem evocados pela assertiva contundente e de fundo político que assevera que “perseguir els poderosos afavoreix els pobres” (Brossa, 2010, p. 60).

Também vale a pena assinalar que os primeiros poemas de João Cabral na Espanha foram vertidos ao catalão e publicados no número 8, de 1949, da revista *Dau al Set*², por Joan Brossa, ou seja, no ano seguinte à escritura de “Oda lliure a Joan Ponç”. Essa sequência temporal, no mínimo, repercute o intenso contato entre o poeta brasileiro e o núcleo da revista, criada pelo grupo vanguardista homônimo.

Portanto, a perspectiva histórica-social-política inaugurada no volume *Em va fer Brossa* não é mera coincidência, mas, antes, um sintoma da preponderância de Cabral junto ao núcleo de jovens artistas catalães. Daí que, em seu prólogo, o autor pernambucano afirme que a condição para que a palavra brossiana emergja em sua materialidade se estabelece a partir da compreensão de uma poesia mediada pela investigação do entorno histórico. Tal entendimento, certamente, estava em pauta nas tertúlias com o grupo vanguardistas, conduzidas por Cabral, em que arte e política eram temas confluentes e constantes:

Este livro de Joan Brossa reúne os primeiros passos do autor no sentido de realizar uma poesia mais amplamente humana. Mais amplamente humana, ou seja: com o enorme tema dos homens. E não estritamente humana, com os temas de um homem, individual,

2 Os poemas de João Cabral traduzidos por Joan Brossa para o número 8 da revista *Dau al set* (julho-setembro de 1949) foram “As nuvens”, “A bailarina e “A paisagem zero” (em catalão: “La Ballarina”, “Els Núvols” e “El Paisatge Zero”). Vale ressaltar que essa seleção foi publicada três anos depois da aparição de *O engenheiro* no Brasil.

embora sejam os temas da sua sala de jantar, do seu quarto, do seu álcool e de suas máquinas de fugir da realidade. Esta distinção é muito importante. Talvez o problema essencial da arte atual –a procura de um caminho que o leve a outra coisa, a procura de uma porta de saída—, a superação do seu formalismo se reduz a isto: o reencontro dos homens (Melo Neto [1951] *in* Mateu, 2009, pp. 181-183).

Também a estudiosa Glòria Bordons se debruça sobre as “huellas” de João Cabral na poesia brossiana, com especial destaque para as interrelações entre esse passo do poeta catalão em direção a uma poesia “amplamente humana” e o pensamento poético do brasileiro, expresso em sua conferência “Poesia e composição”, proferida em 1951 e que sairia em 1998 no volume *Prosa*, prologado por sua esposa, Stela Maria Barbosa de Oliveira, e, mais tarde, seria publicada em catalão por Pere Galceran-Uyà (2007).

Se trata de un ensayo de gran importancia en la poética de Cabral. En él el poeta de Pernambuco destaca la importancia del proceso de composición que normalmente pasa desapercibido, porque «el acto poético es íntimo, solitario y no tiene testigos». A lo largo del escrito, subraya la dificultad de indicar un tipo de composición que represente a los tiempos modernos. En la conferencia traza una historia de la posición del poeta, en la línea de lo que había escrito para el prólogo de *Em va fer Joan Brossa*, indicando que el poeta normalmente quiere una expresión original y por ello se aleja de lo que tiene en común con los demás hombres (Bordons, 2021, p.13).

Portanto, não seria demais dizer que essas questões povoavam a escritura cabralina também, posto que, em *O cão sem plumas* (1950), as preocupações com a temática social surgem com intensidade, a partir da exploração do cenário nordestino, em uma poesia em que o “tema dos homens” se perfaz pela construção rigorosa e pelo tom árido e contundente. Dessa forma, os movimentos da poesia brossiana, vistos pelo escritor brasileiro, podem ser lidos, também, como parte em um processo de interlocução e reflexão sobre sua própria poética:

Perfeitamente consciente de tudo isto, Joan Brossa empreendeu sua reação pelo outro extremo da corda. Ele já tinha explorado anteriormente todas as variantes do formalismo e todos os cantos dos gabinetes da magia. Desde o balbuciar minuciosamente orquestrado dos *Sonets de Caruixa*, até a “ópera dos três vinténs” de *Dragolí*, alternados, sempre, com as prosas e o teatro da alucinação sistemática, com os quais tem buscado o quinto pé do gato e a sétima cara do dado.

[...]

Ele, apesar de tudo, já parecia conhecer a força deste «real» e adivinhava que acabaria, fatalmente, por fazer explodir sua retórica, eliminando nela tudo aquilo que tem de falso e de artificial e dando um novo sentido – saturado de conteúdo – a aquilo que nela pode constituir enriquecimento para o homem na técnica de se comunicar com outros homens (Melo Neto [1951] *in* Mateu, 2009, pp. 182-183).

É importante indicar que essa leitura do conjunto desses versos não era usual na época, já que a crítica situava a análise da poesia do catalão a partir dos sentidos relacionados à estética surrealista. Por conseguinte, ao abordar a consciência crítica e alerta de Brossa por meio da questão da mediação popular e cotidiana, Cabral o examina por uma via inusitada e próxima à do seu ensaio sobre a pintura de Miró, uma vez que defende, entre outros aspectos, os relacionados à autenticidade do fazer poético, à busca da dicção pessoal e ao escrutínio das matrizes populares, como a forma *romance*, explorada pelo poeta catalão em sua obra *Dragolí* (obra trabalhada em letra e imagem por Ponç e Brossa).

Essa leitura será reconhecida por Santos Torroella, em carta a João Cabral, quando se mostra entusiasmado pelo prólogo, mas reticente em relação ao compromisso de Brossa:

Yo voy a editar ahora el libro de Brossa – “Joan Brossa em va fer” – que usted le prologó. Este prólogo suyo es extraordinario, con esa inaudita acuidad de pensamiento a la que me voy a tener que acostumbrar como a una de sus características más permanentes. Puede usted estar seguro – y esto también es un secreto – que si edito el libro es por el prólogo. Y no porque no me gusta esta nueva actitud poética de Brossa – aunque también

en secreto debo confesarle que no me inspira una absoluta confianza su autenticidad (en el fondo creo que es eso en gran parte: actitud formal, no humana poéticamente, esteticismo) – sino porque solo mediante un gran esfuerzo por mi parte, dada mi poco halagüeña situación económica, puedo lanzarme a nuevas aventuras editoriales (Santos Torroella, 1950c).

A essa descrença de Santos Torroella, João Cabral responderia da seguinte forma:

Voltando a sua carta: gostaria de conversar longamente com você o caso do nosso Brossa. Permita-me porém que lhe dê uma razão para explicar porque creio na sinceridade do Brossa: Você não acha que entrar nesse caminho significa sacrifício para ele? Não tem ele já um público que aceitava sua maneira anterior e não vai ele perdê-lo neste novo caminho? Creio que isso é um bom sintoma de sinceridade. E se ele não dá provas outras para convencê-lo, V. deve pensar que há dez anos vocês espanhóis estão completamente distantes de tudo isso. Você não, porque é de antes. Mas o Brossa é de depois da guerra. Enquanto convivi com ele pude confirmar sua sinceridade. Lembro-me de que discussão que tive com Prats, em minha casa e em presença do Brossa, sobre esse assunto de arte pura, etc. E vi que o Brossa não só estava vivendo esta nova atitude “humanista”, como podia, por si mesmo, responder a muitas das objeções do nosso querido Prats. E outra coisa: não notou V. mudança até no modo de ser do Brossa? No seu modo de ser, até físico? (Melo Neto, 1950b)

Os argumentos de Cabral se organizam, basicamente, a partir de um tripé que contempla uma rebatida às críticas de Santos Torroella, fincadas na relação entre forma, autenticidade poética e fundo humanista. A partir desse tripé, o poeta brasileiro recorre à fama, já reconhecida de Brossa, que iniciara sua carreira apostando pelo mágico e onírico. Ora, segundo o brasileiro, inicialmente, Brossa abdicara desse público já estabelecido.

Isso posto, ou seja, uma visão de “mercado de leitores”, Cabral envereda pelas relações pessoais, pelo diálogo franco frente às apostas vanguardistas abandonadas, quais sejam, a renúncia à arte pura em prol de uma poesia mais “humanista” e, claro, de

fundo político, uma vez que essa referência corre de maneira subterrânea na escritura de ambos os poetas. Por fim, o brasileiro apela para a “postura” brossiana, anímica e física: uma vez firmado o compromisso com uma poesia “dos homens”, para utilizar a expressão do escritor pernambucano, Brossa teria se transformado de diversas maneiras.

Aparentemente, os argumentos cabralinos convenceram Santos Torroella, que, dias depois, responderia ao amigo brasileiro e voltaria atrás em suas ofensivas estéticas contra Brossa:

Yo he entrado ahora en una nueva fase poética, en la que me siento mucho más seguro y convencido. Antes de ayer le leí algunos de mis nuevos poemas a Brossa, y pude deducir por sus palabras que con ellos he empezado a merecerle algún crédito como poeta. Le adjunto aquí algunos de dichos poemas, pues me interesa mucho conocer su opinión. A Brossa le veo casi todos los días, y empiezo a creer que es usted quien tiene razón.

Espero que haya olvidado ya lo enojoso de mi carta anterior. Aquí cada vez tenemos menos dinero, a pesar del crédito concedido por los yanquis, y esto creo que puede justificar en parte nuestro nerviosismo (Santos Torroella, 1951a).

A justificativa do correspondente catalão percorre pelo menos dois caminhos: o das relações pessoais, tão valorizado por Cabral, calcado no intercâmbio de leituras de poemas entre os escritores catalães e num convívio mais contínuo; por outra parte, Santos Torroella atribui sua atitude “enojosa” ao contexto socioeconômico vigente, relacionando e confluindo estética e política.

O assunto se encerra com Santos Torroella comunicando a Cabral o envio próximo do volume:

Por cierto que con respecto a estas últimas puedo anunciarle ya que muy en breve recibirá usted el libro de poesía de Joan Brossa con el prólogo de usted. Se está acabando de imprimir y el lunes o martes próximo estará listo, incluso de encuadernación. He tirado

trescientos ejemplares en papel de estraza y veinte en papel de hilo. Además del prólogo de usted lleva un retrato de Brossa hecho por Ponç (Santos Torroella, 1951b).

Como se pode notar, por conta dos problemas econômicos, tão correntes na Espanha franquista, a edição dos poemas de Brossa será publicada sem maiores luxos. No entanto, essa edição de *Em va fer Joan Brossa* terá grande repercussão e difusão no meio cultural catalão, bem como o prólogo de João Cabral.

De qualquer maneira, nota-se que no intercâmbio epistolar prevalece a leitura cabralina da atitude e transformação de Brossa, em que o abandono da forma “pura” dá lugar a incursões por uma poesia de tom e fundo “humanista”.

É, pois, no diálogo literário, na preocupação pela “construção” poética e por meio de uma visão calcada no binômio ética e estética que se encontram os versos de João Cabral com as palavras do ensaio. Imiscuídos, reflexões e versos convergem para a tentativa de compreensão desse “fabular” em prosa e em verso, em que o fabulador surge como esse criador de mundos concretos, dispersos pela geografia catalã, pelas feiras, bairros, voltando às “coisas espessas / que a gravidez pesa no chão” (Melo Neto, 2020, p. 152).

Essas fabulações e debates também se veem no diálogo sobre as traduções de Santos Torroella no âmbito da poesia brasileira, como veremos a seguir.

RAFAEL SANTOS TORROELLA, LEITOR E TRADUTOR DE POESIA BRASILEIRA

Nesse segundo núcleo, as cartas trocadas entre João Cabral e Rafael Santos Torroella referem-se ao período que vai de 1949 a 1951, nas quais vemos emergir o crescente interesse do catalão pela poesia brasileira, desde o primeiro contato com Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, até a seleção e tradução de poemas para publicação na *Antología de la Poesía Brasileña*, organizada por Renato Mendonça, diplomata e amigo do poeta brasileiro.

Considerando o panorama que já comentamos anteriormente, ou seja, por uma parte, a atuação do Cabral como mediador entre literaturas, por meio da edição e do diálogo interartístico que ele promoveu principalmente na Espanha; e

que, por outra parte, são atributos que também cabem a Santos Torroella, o estudo sistematizado dessa correspondência coloca em primeiro plano a consciência de ambos como “agentes de tradução”, termo proposto por John Milton e Paul Bandía (2009) para pensar não só os tradutores, mas editores, revisores, resenhistas etc. Em linhas gerais, são aqueles que devotam energia e sua vida pela causa de uma literatura estrangeira, um autor ou escola literária, traduzindo, escrevendo artigos, ensinando e disseminando o conhecimento e a cultura.

A partir desse norte, podemos dizer que a leitura da correspondência demonstra como os dois autores se investem desse papel como forma de intervenção no sistema literário – tanto o espanhol como o brasileiro. São ainda agentes de cultura – pensando, como orientam Milton e Bandia, na centralidade da posição do agente de tradução em introduzir novos conceitos literários e filosóficos através da tradução – ou seja, seu papel cultural, mas também político, sobretudo porque o período das cartas corresponde aos anos fortes da ditadura franquista na Espanha.

O primeiro registro é uma carta de Santos Torroella de 1 de setembro de 1949, em que ele revela a Cabral seu “impaciente deseo de llegar a un íntimo conocimiento de la lírica brasileña” (Santos Torroella, 1949) depois de haver lido e relido poemas de brasileiros em uma antologia que Cabral lhe havia enviado. O conjunto em questão era a *Antología de Poetas Brasileños de Ahora*, publicada em 1949, com seleção e tradução para o espanhol de Alfonso Pintó e editada pela O Livro Inconsútil. Trata-se de uma edição muito cuidadosa – Santos Torroella diz admirar a “pulcritud ejemplar” (Santos Torroella, 1949a) da edição, que consiste em pequenos livros de cada um dos poetas: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Augusto Frederico Schmidt. Como avalia Solange Fiuza (2022), essa antologia tinha como público-alvo prioritariamente os artistas de Espanha, mais especificamente da Catalunha, aos quais Cabral apresentou a poesia brasileira recente. E, de fato, esse primeiro gesto de Cabral rende frutos.

Voltando à carta de setembro de 1949, Santos Torroella confessa sua predileção por Drummond: “¡Qué gran poeta es Carlos Drummond de Andrade! Tal vez sea el que más me haya impresionado de los de esta antología” (Santos Torroella, 1949). Aparentemente, é nesse momento que Santos Torroella toma a primeira decisão que abrirá seu caminho como tradutor de poesia brasileira, pois informa Cabral que pedirá a um amigo para

que interceda junto a Darcy Damasceno dos Santos para que lhe remeta a revista *Orfeu* (1945-1948 – nove números), de cujo conselho consultivo fazia parte, e uma seleção de livros de poetas brasileiros daquele momento. Desse modo, o crítico catalão começa a ler os poetas em língua portuguesa, algo de que ele se ressentia até ali, ao indicar que “un poeta debe leérsele siempre en su propio idioma” (Santos Torroella, 1949).

Todo o entusiasmo de Santos Torroella demonstrado em 1949 se converte em um pedido para João Cabral no ano seguinte. Em carta de 31 de julho de 1950, o escritor catalão conta que soube por um amigo que o pernambucano viajara a Madri para tratar da publicação de uma nova antologia de poesia brasileira, organizada por Renato Mendonça. Diante disso, pergunta diretamente ao poeta: “¿Habría posibilidad de que yo tradujera alguna parte – precisamente la contemporánea – de este libro?” (Santos Torroella 1950a). A pergunta, quase à queima-roupa, evidencia o entusiasmo e o profundo interesse do catalão pela poesia brasileira, além de sinalizar que está ciente da importância que poderá ter a repercussão de dita antologia intermediada por Cabral. Ademais, Santos Torroella informa saber que o também poeta Rafael Morales era o escalado para fazer a tradução, mas apresenta argumentos para convencer Cabral a atender seu pedido para que fique responsável pela segunda parte da antologia, entre os quais o fato de serem vizinhos em Barcelona, o que facilitaria se precisasse consultá-lo sobre dúvidas da tradução. E, pensando na impossibilidade da resposta positiva de Cabral, Torroella ainda insiste que, se não for possível, “quisiera rogarle únicamente que me permitiera traducir los poemas de usted y de Carlos Drummond” (Santos Torroella, 1950a).

A estratégia de Rafael Santos Torroella surte efeito, pois ele fica efetivamente incumbido de traduzir os 28 poetas modernos que integram a II Parte da *Antología de la Poesía Brasileña*, publicada em 1952, em Madrid, pela Cultura Hispánica, tendo os poemas da “I Parte: Poetas Clássicos e Parnasianos” sido traduzidos por Rafael Morales. Até que essa publicação venha à luz, as cartas entre o catalão e o brasileiro registram a impaciência e certa preocupação do tradutor com relação ao pagamento de seus honorários, uma questão gerida por Renato de Mendonça (1912-1990) e mediada por João Cabral junto a ele.

Renato de Mendonça é uma figura em que vale a pena nos determos, pois ele também é um agente importante nesse contexto, uma vez que ingressa em 1934 no consulado e, ao longo dos seus 43 anos de serviço diplomático, se apresenta como um dos

grandes intelectuais do Itamaraty, tendo escrito 25 obras, a maioria em português, mas também em espanhol e em francês, geralmente sobre temas históricos e diplomáticos, com incursões iniciais na linguística e na antropologia. Em 1945, exerce sua função em Portugal e expressa uma especial preocupação com a presença do livro brasileiro no país. A respeito disso, escreve um artigo para *O Jornal* em março de 1946 defendendo o livro como “base do intercâmbio cultural” (*apud* Almeida, 2012, p. 17) e se mostra preocupado com a dificuldade de exportação, o pagamento de direitos que dificultam, nas suas palavras, “a expansão de nossas letras” (*apud* Almeida, 2012, p. 17).

Ademais, Renato Mendonça se empenha nesse ramo também escrevendo, de que é exemplo o seu *Breve Historia del Brasil* (Ediciones de Cultura Hispánica), publicado em 1950. No contexto dessa publicação, há registros de palestras em universidades portuguesas e espanholas sobre cultura e literatura brasileiras no mesmo ano. Em março de 1951, é transferido para a embaixada de Madri. Ali, estabelece contato estreito com o Instituto de Cultura Hispánica, criado em 1946 durante o regime franquista com um intuito de certa “abertura” para remediar em alguma medida o isolamento internacional espanhol. Uma das principais atividades do Instituto de Cultura Hispánica foi justamente a editora com o selo Ediciones Cultura Hispánica, que é responsável pela publicação da antologia de poesia brasileira parcialmente traduzida por Santos Torroella.

Além de acompanhar esses trâmites mais práticos da edição, cobrando inclusive os honorários junto aos responsáveis, João Cabral de Melo Neto também segue de perto a seleção dos poetas e poemas e os detalhes da tradução. Ele apresenta Mário de Andrade a Santos Torroella, que confirma haver gostado do poeta paulistano, ao que João Cabral responde em 7 de novembro de 1950: “Gostei muito é de saber de seu interesse pelo Mario de Andrade. Não é um grande poeta? Não valeu a pena a espera? Gostaria de ter cópia das traduções que V. fizer” (Melo Neto, 1950a).

Essas considerações de Cabral sobre Mário de Andrade são indicadores do quanto, nesse momento, valoriza o modernista paulista, que para ele representa então um “mestre”, mas sobre quem, posteriormente, mormente a partir dos anos 1980, emitirá juízos depreciativos, que levaram alguns críticos a desconsiderar a importância do autor de *Paulicéia desvairada* para o poeta pernambucano.

De posse das traduções e das escolhas remetidas pelo catalão, o brasileiro faz sugestões e correções e a correspondência permite que notemos como Santos

Torroella preza pela leitura e avaliação de Cabral. Além de lhe manter informado sobre os passos de seu trabalho, comunica-lhe vários detalhes. Por exemplo, em carta de 24 de novembro de 1950, avisa que traduziu um soneto de Vinicius, respeitando o metro e a rima do original; que escolheu traduzir de Mario Quintana o poema que Cabral havia recomendado e anexa esses e outros poemas para o exame do amigo. Também lhe refere sua dificuldade em elaborar as notas biográficas de duas das poetas antologizadas Julieta Bárbara e Henriqueta Lisboa.

Na carta seguinte, não datada, João Cabral fornece essas duas notas faltantes e envia suas avaliações sobre as traduções, todas “ótimas” em suas palavras. Propõe, porém, algumas retificações nos poemas dele próprio traduzidos por Santos Torroella. Aqui, vale a pena que nos detenhamos no modo como Cabral alude a essas correções, para que notemos sua sutileza considerando a repercussão que poderiam ter no amigo tradutor: “Ótimas as minhas, também. Apenas me permita sugerir algumas retificações. (Faço-as no próprio original que V. me mandou). Pouca coisa, como V. verá.” (Melo Neto, s/d).

Mesmo com toda a diplomacia do poeta pernambucano, Santos Torroella se declara muito envergonhado por seus equívocos tradutórios na carta de 2 de dezembro de 1950: “Estoy avergonzado de las terribles equivocaciones que perpetré en mi traducción de sus poemas. Sin duda, un exceso de confianza me hizo abandonarme (en la precipitación de querer enviarle prontamente los materiales a Renato) a la mera acústica de las palabras y a esos residuos de diversos idiomas neolatinos que se quedan, en confusión, dentro del limbo del subconsciente. A vuelta de correo, hoy mismo, mando a Madrid las oportunas y urgentes correcciones” (Santos Torroella, 1950c).

Na resposta de João Cabral, escrita apenas 5 dias depois, ele não comentará diretamente a reação de Santos Torroella, mas não deixa de registrar seu reconhecimento ao trabalho rigoroso e dedicado do tradutor: “Meu caro Rafael, você é um homem extraordinário. Invejo sua capacidade de trabalho. Uma meia dúzia de você, é de que o Brasil está precisando. Você escreve, traduz, organiza, edita, faz influências, orienta – [valha] atividade” (Melo Neto, 1950b).

Ainda durante o ano de 1951, os dois correspondentes trocarão muitas cartas sobre a antologia, inclusive com novas cobranças de honorários de Cabral junto a Renato Mendonça, e outros projetos. A antologia com a tradução dos poetas brasileiros por Santos Torroella virá à luz em 1952.

Essa breve apresentação, que busca revelar tanto os itinerários de João Cabral em solo peninsular, como algumas questões dos bastidores que a leitura das cartas entre o brasileiro e o catalão trazem à tona, permitiu-nos observar o quanto uma empreitada dessa monta exigiu de todos os envolvidos, mas também nos permite entrever todo labor cabralino, cujo rigor e atenção ao binômio ética e estética se faz presente em distintas instâncias.

Muitas das epístolas trocadas entre João Cabral e Santos Torroella, enquanto este pensava sobre a edição de *Em va fer Joan Brossa* e realizava a tradução dos poetas brasileiros, têm intervalos curtos, que vão estreitando-se cada vez mais (de apenas dois ou três dias, no caso do diálogo sobre as traduções), o que assinala o comprometimento de ambos para pensar tanto as novas propostas na literatura catalã contemporânea, como o projeto de dar a conhecer a poesia brasileira em solo espanhol. As cartas dão conta igualmente da intensidade do trabalho: a edição de Brossa demorou quase um ano e não podemos nos esquecer de que são 28 poetas traduzidos por Santos Torroella em menos de um ano – e aqui não mencionamos que no mesmo período ele traduz Carlos Drummond de Andrade em uma seleção publicada para a coleção Adonais, coordenada por José Luis Cano, e vinda à luz em 1951.

Essa pequena amostra do que as cartas entre Cabral e os espanhóis exige considerar, como alerta a Pascale Casanova, as condições materiais de produção para além das histórias tradicionais da literatura e da literatura estritamente nacional, e de um centro reprodutor e uma periferia receptora. As cartas dão conta de uma parte da materialidade dos processos desses agentes, e, no caso em questão, dos agentes culturais e também de tradução. Elas ainda trazem à tona a concretude das redes de sociabilidade forjadas por esses artistas e da consciência que eles tinham de sua intervenção nos sistemas literários, não só como autores – e aqui especificamente como poetas –, mas com atuações em campos que tangenciam e cruzam o propriamente literário. Essa consciência se manifesta, por exemplo, quando Santos Torroella afirma em carta de 26 de outubro de 1950: “definitivamente me voy a convertir en una especie de cónsul en España de la poesía y el arte brasileño”, ou quando sentencia em carta escrita no mês seguinte que João Cabral não é um cónsul, mas o “verdadero embajador de la libertad y la poesía del Brasil” (Santos Torroella, 1950b).

Com efeito, todas as colaborações de João Cabral com o grupo *Dau Al Set* e seu debate com Santos Torroella evidenciam a hipótese de que o escritor pernambucano inverteu um caminho de ida e volta no panorama de criação e influência artística por meio de sua intensa atuação cultural e política em debates estético-artísticos e sua preponderância junto à feitura da antologia revela um trabalho dessa dupla Santos Torroella-Cabral de 1951-1952, que pode ser considerada como um elemento-chave para pensar a poesia catalã contemporânea de então e a divulgação e a recepção de poesia brasileira na Espanha do pós-guerra, com a *Antología de la Poesía Brasileña* (1952). Vale aclarar que essa seria a terceira antologia de poesia brasileira: a primeira é de 1948, a segunda, como mencionamos, foi editada pelo próprio Cabral, mas essa terceira é a mais ampla e completa, envolvendo poetas desde a colônia até o século XX. O trabalho de João Cabral com *Dau Al Set* e na antologia, junto a Santos Torroella e a Renato de Mendonça, fomentou um espaço de debate para além do nacionalismo catalão e trouxe à baila um precioso filão da literatura brasileira na Espanha na segunda metade do XX, o que abriria caminho, mais tarde, para a aparição da famosa revista de cultura brasileira e as traduções de Ángel Crespo, que intensificaria e amplificaria o profícuo intercâmbio cabralino em terras peninsulares. Mas isso é outra história.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO AND RAFAEL SANTOS TORROELLA: EXAMPLES OF A FRUITFUL EPISTOLARY DIALOGUE WITH SPANIARDS

ABSTRACT: This article is part of the Project *João Cabral de Melo Neto and the Spanish: Correspondence*, which proposes to produce a reliable and annotated edition of Cabral's epistolary dialogue with various Spaniards, which covers the late 1940s, 1950s and 1960s. In this text we focus on a partial sample of how the letters exchanged with the Catalan poet and critic Rafael Santos Torroella can be considered a key element for thinking about contemporary Catalan poetry and the dissemination and reception of Brazilian poetry in post-war Spain, with the *Antología de la Poesía Brasileña* (1952).

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Rafael Santos Torroella; Correspondence; Catalan Art and Literature; Brazilian Literature.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO Y RAFAEL SANTOS TORROELLA: MUESTRAS DE UN FECUNDO DIÁLOGO EPISTOLAR CON LOS ESPAÑOLES

RESUMÉN: Este artículo se inserta en el Proyecto *João Cabral de Melo Neto e espanhóis: correspondência*, que propone realizar una edición fidedigna y anotada del diálogo epistolar de Cabral con distintos españoles, lo cual abarca finales de los años 40, los años 50 y 60. En este texto nos concentramos en una muestra parcial de cómo las cartas intercambiadas con el poeta y crítico catalán Rafael Santos Torroella, se pueden considerar como un elemento clave para pensar parte de la poesía catalana contemporánea de aquel momento, así como la promoción y recepción de la poesía brasileña en la España de la posguerra, con la *Antología de la Poesía Brasileña* (1952).

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto; Rafael Santos Torroella; Correspondencia; Arte y Literatura Catalana; Literatura Brasileña.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Renato Mendonça: um intelectual na diplomacia. Trabalho preparado para o seminário: Renato de Mendonça: Diplomacia, Ciência e Letras. Casa do Patrimônio do IPHAN, Maceió, AL, 3-4/10/2012. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/273166728_O_Mexico_de_Rodrigo_Otavio_e_de_Cyro_dos_Anjos_entre_as_atribuicoes_do_funcionario_e_o_olhar_do_escritor/fulltext/55f01e8b08ae0af8ee1b6872/O-Mexico-de-Rodrigo-Otavio-e-de-Cyro-dos-Anjos-entre-as-atribuicoes-do-funcionario-e-o-olhar-do-escritor.pdf. Acesso em 22 jun. 2025.

BORDONS, Glòria. “La huella de la poética de João Cabral de Melo en la poesía de Joan Brossa”. *I Caderno do EIP 2021/2022: I Encontro Internacional de Poesia – 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto*. <https://www.encontrodepoesia.com.br/>. Acesso em janeiro de 2025.

BROSSA, Joan. *Carrer de Joan Ponç*. Barcelona: Edicions poncianes, 2010, p. 60.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA/JOÃO CABRAL DE MELO NETO. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.

FIUZA, Solange. “João Cabral de Melo Neto e o ‘complexo de antologia’”. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 9, pp. 71-89, 2022.

GALCERAN-UYÀ, Pere. *Proemi a Cabral. Els Marges*, Barcelona, n. 81, p. 11-14, 2007.

HUMANES BESPÍN, Iván. “Dau al Set, uma filosofia da existência – sobre Arnau Puig”. *Sibila. Revista de poesia e cultura*. Ano 24, 9 fev 2012, Cultura, s/p. <https://sibila.com.br/cultura/dau-al-set-uma-filosofia-da-existencia-sobre-arnau-puig/5063>. Acesso em 03/09/2024.

MATEU, Melcion. “O Prefácio de João Cabral de Melo Neto a *Em Va Fer Joan Brosa*: Teoria e Prática do Realismo em Dois Poetas do Pós-Guerra”, *Anuário de Literatura*, vol. 14, n. 1, pp. 173-184, 2009.

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Rafael Santos Torroella. Londres, 7 nov. 1950a (Arquivo e Biblioteca Rafael e María Teresa Santos Torroella, Girona, Espanha).

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Rafael Santos Torroella. Londres, 7 dez. 1950b (Arxiu i Biblioteca Rafael i María Teresa Santos Torroella, Girona, Espanha).

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Rafael Santos Torroella. Londres, s/d. (Arxiu i Biblioteca Rafael i María Teresa Santos Torroella, Girona, Espanha).

MELO NETO, João Cabral de. “Pròleg” In: Brossa, Joan: *Em va fer Joan Brossa*, Barcelona, *Cobalto*, 1951, pp. 9-13.

MELO NETO, João Cabral de. *Joan Miró*, Rio de Janeiro, Cadernos de Cultura do MEC, 1952.

MELO NETO, João Cabral. “Tàpies, Cuixart, Ponç”, Barcelona: *Cobalto* 49, fascículo 3, p. 9-13, 1949 In: VV.AA. *El mundo de Dau al Set*. Ibercaja, Valladolid, 2009, pp.91-103.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

MILTON, John; BANDIA, Paul (ed.) *Agents of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

PUIG, Arnau. “João Cabral de Melo Neto e o meio artístico de Barcelona”. *Sibila. Revista de poesia e cultura*. Ano 24, 3 de abril 2017, Cultura. Disponível em <https://sibila.com.br/cultura/o-marxismo-a-maneira-de-cabral/13051>. Acesso em 14/08/2024.

SÜSSEKIND, Flora (org.). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 1 set. 1949 (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 31 jul. 1950a (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 26 out. 1950b (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 2 dez. 1950c (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 8 jan. 1951a (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

SANTOS TORROELLA, Rafael. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Barcelona, 28 fev. 1951b (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

Submetido em 26 de junho de 2025

Aprovado em 28 de julho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
